APRENDIZAGEM ATIVA: UM OLHAR NAS PERSPECTIVAS DO ESCOLANOVISMO E DA TEORIA DA ATIVIDADE

ACTIVE LEARNING: A LOOK AT THE PERSPECTIVES OF SCHOLANOVISM AND ACTIVITY THEORY

Marcos Sérgio Carvalho Rebouças
ORCID 0000-0002-6120-8361
Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN
Mossoró, Brasil
marcossergio10@hotmail.com

Diogo Pereira Bezerra
ORCID 0000-0002-0159-4117
Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN
Mossoró, Brasil
diogo.bezerra@ifrn.edu.br

Resumo. A aprendizagem ativa consiste numa abordagem bastante discutida nos últimos anos. Entretanto há diversas compreensões sobre o que de fato é o estar em atividade. Diante do exposto, o presente estudo tem por principal objetivo analisar o conceito de aprendizagem ativa na ótica do escolanovismo e na da Teoria atividade histórico-cultural. Para isso realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa com procedimentos bibliográficos que se deu nas principais bases de dados impressas e online do Brasil. Os resultados mostram que apesar de utilizarem termos semelhantes e de convergirem em alguns pontos, o conceito de atividade no escolanovismo difere significativamente daquilo que é tratado pela teoria da atividade, predominantemente em relação à concepção do papel do professor, da preocupação com questões sociais e do tipo de humano que se quer formar. Porém, percebe-se que as divergências conceituais podem ser encaradas como complementares, visto que, em essência, ambas as perspectivas apostam numa aprendizagem ativa e significativa para o aluno.

Palavras-chave: Aprendizagem ativa; Escola Nova; Educação e Ensino; Metodologias ativas; Teoria da Atividade

Abstract. Active learning is an approach that has been widely discussed in recent years. However, there are different understandings of what being active means. In view of the above, the main objective of this study is to analyze the concept of active learning from the perspective of the New School movement and the Theory of historical-cultural activity. To this end, we carried out qualitative research with bibliographic procedures that took place in the main printed and online databases in Brazil. The results show that despite using similar terms and converging on some points, the concept of activity in the New School movement differs significantly from what is treated by activity theory, predominantly in relation to the conception of the teacher's role, the concern with social issues and the type of human being who wants to be formed. However, conceptual divergences can be seen as complementary, since, in essence, both perspectives focus on active and meaningful learning for the student.

Keywords: Active learning; New School; Education and Teaching; Active methodologies; Activity Theory

1. INTRODUÇÃO

O termo “aprendizagem” aponta para um processo contínuo de transformação, ressignificação e aquisição de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e, consequentemente, competências. Para que esse processo de internalização consciente ocorra, se faz necessário observações, experimentações, reflexões, interações, dentre outros fazeres que ao longo dos anos são discutidos e sistematizados nas chamadas teorias de aprendizagem. Dentre essas teorias, estão a epistemologia genética de Piaget e a Teoria sociocultural de Vygotsky. Ambas defendem o aluno como centro do processo de aprendizagem, colocando-os como sujeitos ativos.

Nas últimas décadas, esse tipo de aprendizagem, em que o discente é o centro que interage diretamente com o objeto de conhecimento, ganha destaque como pauta de diversos debates na área do ensino. Todavia, muitos equívocos têm sido cometidos, sobretudo na concepção de práticas e no entendimento dessa abordagem que, por vezes, é reduzida às metodologias ativas, nos moldes do escolanovismo ou Escola Nova, movimento iniciado entre o fim do século XIV e início do século XX, que teve John Dewey (1859-1952) como um dos principais influenciadores ao tecer duras críticas ao modelo de ensino tradicional e que, no Brasil, teve Anísio Teixeira, Lourenço Filho, e Fernando de Azevedo como expoentes.

Destaca-se que mesmo diante dos equívocos do movimento escolanovista, foi a partir dele que diversas discussões sobre a elaboração de práticas pedagógicas fomentadoras da participação efetiva do aluno foram possíveis. Com as bandeiras do movimento, fortaleceu-se a concepção de atividade do aprendente diante do objeto de aprendizagem, que, em termos gerais, deve ser escolhido a partir do contexto social do aluno, valorizando suas experiências práticas e sua autonomia.

Influenciada por tais concepções, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo do currículo nacional brasileiro para a educação básica, defende a utilização de metodologias que auxiliem na promoção do aluno como protagonista de sua aprendizagem. Frisa-se que mesmo trazendo o termo "metodologia ativa" de modo implícito, pois não faz menção enfática, a BNCC propõe a utilização dos seguintes procedimentos: aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem baseada em problemas, gamificação, dentre outras metodologias encontradas na literatura como caminhos para a apropriação ativa do saber e exemplos da supracitada sistematização.

Essas metodologias, na concepção da Escola Nova, conforme já expresso, são designadas como o deslocamento do centro do processo de ensino e aprendizagem do professor para o aluno, dentro de limites que considerem a individualidade e as necessidades destes. A ideia, em tese, seria desenvolver a autonomia e fortalecer a personalidade do aprendente. Todavia, apesar da boa aceitação dessas metodologias, muitas críticas têm surgido e diversos erros têm sido cometidos no tocante à compreensão da base teórica em que estes conceitos estão assentados.

Por outro lado, está explicita na Teoria da Atividade ou Teoria da Atividade Histórico-cultural, idealizada por Vygotsky (e seus cooperadores) e sistematizada por Leontiev, a defesa de que o aluno aprende ao lidar ativamente com o mundo, em interação com o objeto de conhecimento posto. Os autores da supracitada teoria, junto a outros teóricos que contribuíram com a expansão, defendem a importância do 'ser ativo', ou seja, da atividade humana, para a efetiva aprendizagem e para um real desenvolvimento humano.

Assim, considerando-se origens diferentes na compreensão de atividade (ser ativo) discutida por Dewey e defendida pelo movimento escolanovista, e a que surge com Vygotsky e Leontiev, de caráter histórico-cultural, surge a interrogação: o que é, de fato, ser um aluno ativo nas perspectivas do escolanovismo e na Teoria da Atividade? A fim de buscar respostas a essa pergunta, realizou-se esta pesquisa, de abordagem qualitativa e procedimentalmente bibliográfica e interpretativa.

O levantamento bibliográfico foi realizado em diversas bases de dados, disponíveis em meios digital e impresso, priorizando autores clássicos que discutem o tema em livros e artigos. Para a busca, os descritores "aprendizagem ativa", "pedagogia ativa", "teoria da atividade", "escolanovismo", "metodologias ativas" e "teoria histórico-cultural" foram utilizados. Várias obras foram lidas, resenhadas e, sobretudo, tiveram suas referências analisadas, com o intuito de se construir um *corpus* de pesquisa bem fundamentado, capaz de apontar os principais expoentes na temática.

Assim, para tentar chegar às respostas buscadas nesta pesquisa, dialoga-se com Dewey, Berbel, Vygotsky, Leontiev, Saviani, Freire, Libânio, dentre outros autores. Salienta-se que a discussão feita permeia diferentes perspectivas sobre o que é ser um aluno em atividade ou ativo, no que tange aos processos de educação e ensino.

Por fim, destaca-se que este artigo se divide em três seções. Além desta introdução, a segunda seção, que corresponde ao desenvolvimento, apresenta reflexões sobre o processo de aprendizagem e a discute à luz do escolanovismo e da Teoria da Atividade. A terceira e última seção traz as conclusões da pesquisa.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Reflexões sobre o processo de aprendizagem

O processo de aprendizagem, com sua dinâmica complexa, carrega em si um aspecto continuísta: o ser humano em sua relação com o mundo está sempre aprendendo. No dia a dia, o homem aprende sem se preocupar com os detalhes que sistematizam esse processo e, de igual modo, ensina sem utilizar conscientemente um referencial teórico explicativo de como se dá esse compartilhamento. Para Piaget, aprender

> É uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, na medida em que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziriam a uma flexibilidade e uma mobilidade das peças tanto maiores quanto mais estável se tornasse o equilíbrio." (Piaget, 1990 p.12)

Cientes da importância desse ato equiparado a uma construção, muitas teorias buscam dar conta de explicar como acontece a aprendizagem. Dentre elas estão as categorizadas pelo psicólogo espanhol Cesar Coll e seus colaboradores, trazidas no livro intitulado *Psicologia do Ensino*. São elas: a) Behaviorismo; b) Teoria da aprendizagem significativa; c) Teoria cognitiva baseada no processamento da informação; d) Teoria psicogenética; e e) Teoria histórico-cultural (Coll et al., 2000).

Apesar de não ser objetivo deste artigo tecer explicações sobre todas as citadas teorias, salienta-se que, em resumo, o Behaviorismo, enfatiza que o comportamento humano pode ser condicionado através de estímulos externos; a Teoria da Aprendizagem significativa foca na relação entre conhecimentos prévios e novos a integração dos conhecimentos novos; a Teoria cognitiva baseada no processamento da informação destaca a atividade da mente (percepção, memória, atenção etc.) no processamento das informações e na aprendizagem; a Teoria psicogenética centra-se na interação entre o aprendente e o objeto e, por fim, a Teoria Histórico-cultural foca nos aspectos sociais, históricos e culturais no processo da aprendizagem.

Essas teorias da aprendizagem fundamentam as mais diversas abordagens pedagógicas existentes que, com suas peculiaridades, se vinculam às tendencias pedagógicas que, por sua vez, no entendimento de Luckesi, podem ser compreendidas como um conjunto de "diversas teorias filosóficas que pretenderam dar conta da compreensão e da orientação da prática educacional em diversos momentos e circunstâncias da história humana" (Luckesi, 1994, p.53).

O professor Demerval Saviani (1985) classifica as tendências pedagógicas em: teorias não-críticas, teorias crítico-reprodutivista e teorias críticas. Para o estudioso, o primeiro grupo se subdivide em Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista. O segundo compreende a Teoria do Sistema de Ensino como Violência Simbólica, a Teoria da Escola como Aparelho Ideológico de Estado e Teoria da Escola Dualista. O terceiro, por sua vez, comporta as tendências Libertária, Libertadora e Histórico-crítica. A fim de facilitar a compreensão sobre as tendências pedagógicas e suas subdivisões, segue a figura 1.

Br. J. Ed., Tech. Soc., v.18, n.4, Oct-Dec, p.1272-1281, 2025
DOI https://doi.org/10.14571/brajets.v18.n4.1272-1281
ISSN 2316-9907

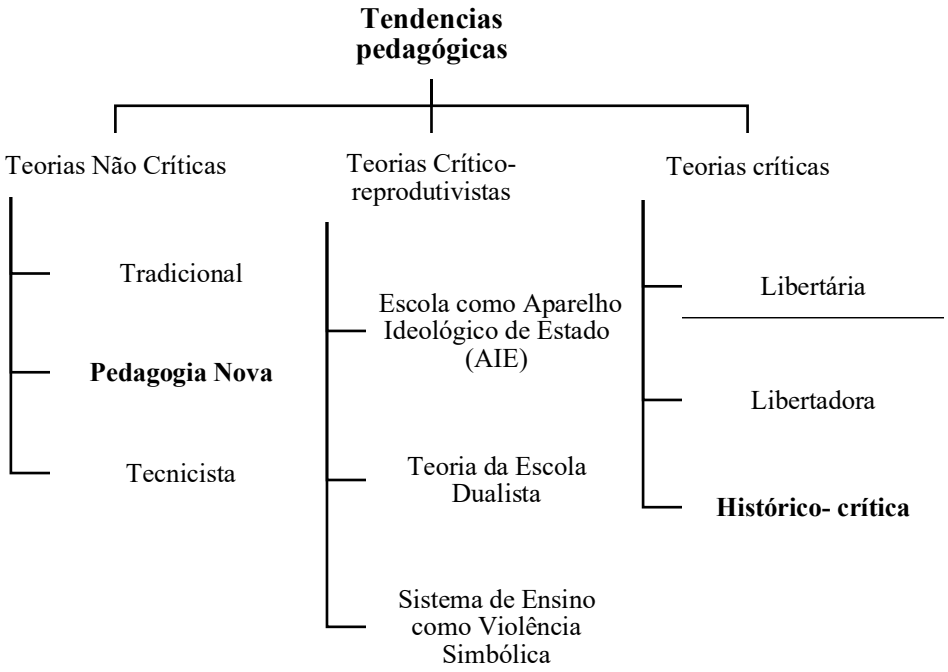

Figura 1. Tendências Pedagógicas
Fonte: elaborado pelos autores com base em Saviani (1985).

Dadas as tendências, salienta-se que a concepção de aprendizagem ativa em sentido lato, ou seja, que compreende o processo de interação entre o sujeito da aprendizagem e o objetivo de estudo, é pautada tanto em teorias não-críticas, a exemplo da Pedagogia Nova (escolanovista), quanto em teorias críticas, como ocorre na libertadora e na histórico-crítica. Todavia, percebe-se divergências no entendimento do "estar em atividade", sobretudo nas bases teóricas, psicológicas e políticas em que funda os motivos para a aprendizagem e o tipo de cidadão que se quer formar.

2.2 Aprendizagem ativa à luz do escolanovismo

Os princípios da aprendizagem ativa são utilizados consciente ou inconscientemente desde épocas antigas. John Dewey (1859-1952), referência no campo da educação moderna, defendia o aluno como o centro e o professor, um mediador do processo educativo (Dewey, 2011). Segundo Gadotti, em seu livro intitulado História das Pedagogias, Dewey "praticou uma crítica contundente à obediência e submissão até então cultivadas nas escolas", que seriam verdadeiros obstáculos à educação (Gadotti, 2001, p. 148).

Os pensamentos de Dewey, de base pragmatista e naturalista, influenciaram diretamente o surgimento do escolanovimo ou Escola Nova que, em síntese, foi um movimento de tentativa de renovação dos processos de ensino e aprendizagem, desenvolvido no final do século XIX e que se intensificou na primeira metade do século XX na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, país cuja representação se fortaleceu por meio de Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, dentre outros estudiosos.

O escolanovismo ao tecer duras críticas à pedagogia tradicional, preconiza a atividade do aluno perante o objeto de conhecimento. Com isso surge debates e apostas cada vez mais intensos na aprendizagem ativa, com base em Dewey. Destaca-se que aliadas a essas concepções de aprendizagem ativa estão as intituladas metodologias ativas, que para Pereira (2012), consistem em

Br. J. Ed., Tech. Soc., v.18, n.4, Oct-Dec, p.1272-1281, 2025
DOI https://doi.org/10.14571/brajets.v18.n4.1272-1281
ISSN 2316-9907

> "[...] processos de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula" (Pereira,2012, p.6).

No Brasil, a aprendizagem ativa se confunde com as metodologias ativas que, em síntese, podem ser vistas como "alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aluno, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, por investigação ou resolução de problemas'' (Moran, 2019, p. 49). Destarte, compreende-se que as metodologias ativas são capazes de tornar a sala de aula um espaço de engajamento em que o aluno pode exercer sua autonomia na tomada de decisões nos mais diversos momentos do processo de ensino e aprendizagem.

Para isso, o escolanovismo preconiza procedimentos que se centram na individualidade e nas necessidades de aprendizagem de cada aluno, acentuando um enfoque individual do trabalho escolar enquanto crítica aos métodos de ensino em massa (sem considerar a individualidade) da escola tradicional (Luzuriaga, 1971). Assim, à luz do escolanovismo, os alunos devem realizar atividades práticas como método central, capaz de desenvolver a autonomia.

Essa autonomia defendida pelo escolanovismo é fruto de um modelo de aprendizagem voltado para a experiência do aluno. Além disso, sendo este o autor principal da escola, os procedimentos de ensino devem ser conduzidos de maneira que atendam os seus anseios. A fim melhorar o nível de compreensão daquilo que se entende por aprendizagem ativa luz da Escola Nova, elaborou-se a figura 2.

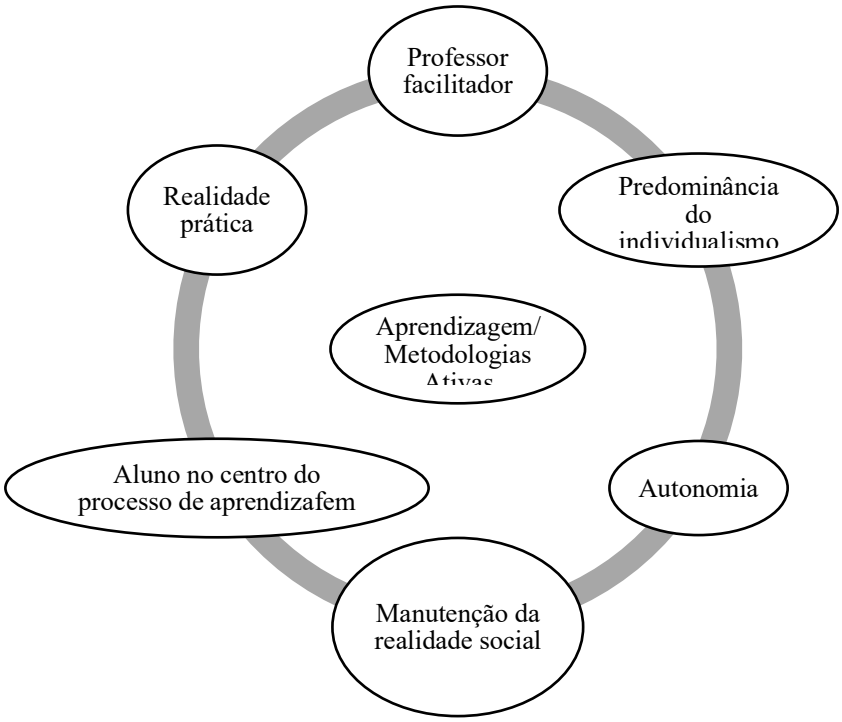

Figura 2. Aprendizagem Ativa nos moldes do escolanovismo
Fonte: autoria própria (2025)

O entendimento daquilo que representa a aprendizagem ativa para o escolanovismo pauta-se, em diversas ocasiões, por técnicas ou metodologias que desprestigia o conhecimento científico, sistematizado historicamente, em detrimento daquilo que interessa no tempo

imediato por constar na experiência do aluno. Salienta-se que as metodologias por si só não carregam significativa carga ideológica, mas o fato de o professor não gozar tamanha maestria nesse modelo, faz com que haja redução do saber científico, preponderância do individualismo e consequente manutenção da realidade social.

2.3 Teoria da Atividade e aprendizagem ativa

A teoria Histórico-cultural tem o Psicólogo Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934) como seu principal proponente. Ela está assentada no materialismo histórico-dialético de Marx e em sua gênese se contrapôs a duas teorias predominantes: o behaviorismo e psicologia individualista. A primeira pauta-se no estímulo-resposta (S-R) e a segunda defende o estudo do psiquismo, enquanto processos mentais internos, e nas características individuais do humano, como um conjunto de comportamentos isolados que podem ser medidos e controlados (Vygotsky, 2004).

Para Vygotsky ambas as teorias falhavam por não considerarem, com devida ênfase, processos internos complexos, a exemplo da linguagem, e por não captarem adequadamente a importância da cultura e da mediação entre os pares no desenvolvimento e processo de aprendizagem humanos. Salienta-se que em seus trabalhos, Vygotsky concebe a aprendizagem como um processo que ocorre por meio da interrelação entre o sujeito e o meio que o circunda.

Destaca-se que apesar das muitas teorias que tentam explicar a complexidade daquilo que é a aprendizagem, este artigo adota o conceito baseado em Vygotsky que a define como sendo o processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes a partir da interação com os meios ambientes e sociais, ou seja, a partir da interação com o mundo e com as pessoas com suas práticas e historicidade (Oliveira, 1993).

De igual modo, alicerçada na Teoria Histórico-cultural vygotskyana, a Teoria da Atividade começou a ser sistematizada nas primeiras décadas do século XX por Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979), amigo de colaborador de Vygotsky. Essa teoria defende que o desenvolvimento do homem se dá pela necessidade de uma relação com o mundo, motivada pela busca de satisfação de alguma demanda de cunho pessoal e, por isso, direcionada a um objeto.

Leontiev (1980) afirma que a atividade humana se origina das necessidades objetivas e subjetivas do sujeito. Para o autor, não existe atividade sem motivo. Outros elementos da atividade são as ações, ou seja, processos cujo motivo não coincide com o objeto da atividade, e as operações, elementos já internalizados e que são essenciais à realização das ações.

> Na Teoria da Atividade de Leontiev, constata-se que toda atividade humana (mental, perceptiva ou motora) possui a seguinte estrutura invariante: um sujeito, um objeto, os motivos, o objetivo, o sistema de operações, a base orientadora da ação, os meios para realizar a ação, as condições de realização e o produto (Núñez, 2009).

Para essa teoria, a aprendizagem é uma atividade humana movida por um objetivo que acontece em um meio social, através de uma atividade, mediada nas relações entre os sujeitos e entre o sujeito e o objeto de aprendizagem. Desse modo, ao assumir o processo de aprendizagem como atividade, essa teoria aponta para o conhecimento em suas múltiplas dimensões.

Salienta-se que a educação é, para Leontiev (1980), um processo de apropriação cultural e aprender tem a ver com a formação das capacidades humanas, processo que envolve a realização de atividades adequadas, portanto constitui um fazer ativo, criativo e mediado nas relações sociais e em seus objetos historicamente produzidos.

Destarte, frisa-se que para a Teoria da Atividade, assim como para toda corrente de base histórico-cultural, a apropriação do saber não se dá de modo mecanicista, como "[..] mera ação de um sujeito que responde, de forma imediata, às influências de seu meio [..]" (Oliveira, 2010, p.3), mas acontece a partir do agir do sujeito sobre o objeto, a partir de necessidades que o motive, ou seja, acontece quando o aprendente se colocar no centro do processo e nele age conscientemente e orientado.

Para facilitar a compreensão sobre os elementos estruturantes da atividade e sua adaptação ao contexto de aprendizagem, o quadro 1, elaborado com base em Núñez (2009) traz os componentes da atividade e seus respectivos conceitos gerais. Ademais, faz-se uma tradução para o contexto da atividade de aprendizagem.

Quadro 1. Elementos da atividade e conceitos

Elementos estruturais da atividade	Conceito geral	Conceito na atividade de aprendizagem
Sujeito	É quem realiza a ação (Núñez, 2009).	O aluno.
Objeto	É para onde a ação é dirigida ou o produto transformado pela atividade (Núñez, 2009).	Conteúdo a ser apropriado ou o próprio aluno a ser transformado (Núñez, 2009).
Motivos	É o que estimula o sujeito a agir, (uma necessidade) (Leontiev, 1980).	A compreensão da importância de se aprender determinado conteúdo e a necessidade que se tem em obtê-lo podem ser motivos para o aluno de fato se esforçar na busca pelo conhecimento.
Objetivo	"[..] é a representação imaginária dos resultados possíveis a serem alcançados com a realização de uma ação concreta." (Núñez, 2009, p. 81).	Podem representar as habilidades que o aluno deve assimilar (Núñez, 2009).
Sistema de Operações	"Constituem os procedimentos, técnicas, estratégias para realizar a ação e para a transformação do objeto em produto." (Núñez, 2009, p. 83).	São os fazeres dos alunos no ambiente de aprendizagem, como, por exemplo, leituras, consultas e participação em grupos.
Base Orientadora da Ação (BOA)	Refere-se a "imagem da ação que ele irá realizar, a imagem do produto, ligada tanto aos procedimentos como ao sistema de condições exigidas para a ação (Núñez, 2009, p.84).	São motivos subjacentes que o aluno dispõe para buscar aprender, como, por exemplo, aplicações do conteúdo à realidade.
Meios para realizar a ação	"Os meios, como elementos da atividade, encontram-se e são mediadores entre o objeto e o sujeito da atividade" (Núñez, 2009, p. 85).	Recursos e ferramentas que os alunos utilizam para mediar o processo de aprendizagem, como, por exemplo, livros, computador, diagramas e diálogos.
Condições de realização	"Representam o conjunto de situações nas quais o sujeito realiza a atividade atrelado ao contexto social (Núñez, 2009, p. 86)	As questões ambientais do espaço de aprendizagem (ventilação, iluminação etc.) e o clima psicológico (empatia, democracia etc.) são exemplos de condições.
Produto	"É o resultado obtido com as transformações ocorridas com o objeto (matéria-prima da atividade) por meio dos procedimentos (ações), os quais podem coincidir com o objetivo da atividade." (Núñez, 2009, p. 86)	Transformações na personalidade do aluno oriundas das apropriações, habilidades desenvolvidas, valores formados, dentre outras aquisições, frutos da aprendizagem (Núñez, 2009).

Fonte: elaborado pelo autor com base em Núñez (2009)

Do quadro, percebe-se que a aprendizagem é uma atividade intencional e sistematizada, composta por elementos inter-relacionados que dão suporte ao desenvolvimento humano e à

transformação do sujeito e da realidade. Enfatiza-se que cada componente dessa estrutura tem uma função específica no processo de internalização de conhecimentos, conforme preconizado pelos princípios da teoria de Leontiev.

A fim de exemplificação, considere que um aluno deseja aprender a calcular juros compostos, logo ele tem-se o seguinte: O aluno que busca aprender é o sujeito; O conceito de juros compostos é o objeto; resolver questões financeiras pode ser um motivo; calcular juros compostos em situações práticas pode ser um dos objetivos

Frisa-se que a Teoria da Atividade concebe o aluno ativo como aquele que está em constante atividade, sendo assim um agente transformador em um processo complexo de objetivações e subjetivações, onde sua atividade é vista como uma interação entre o sujeito e o objeto, mediada por ferramentas culturais, sociais e históricas. Disto, se compreende que aprendizagem é um processo colaborativo e reflexivo, inserido em um contexto social mais amplo

Portanto, para a concepção histórico-cultural, a aprendizagem ativa é vista como um processo social mediado pela cultura e pelas interações. Esta abordagem, inspirada em Vygotsky e outros teóricos, entende que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social e do uso de ferramentas culturais (como a linguagem). Nessa perspectiva, o professor é visto como mediador do conhecimento e dos instrumentos culturais que estruturam o aprendizado, e o aluno, ativo, se engaja ao aprender a partir de contextos socialmente significativos.

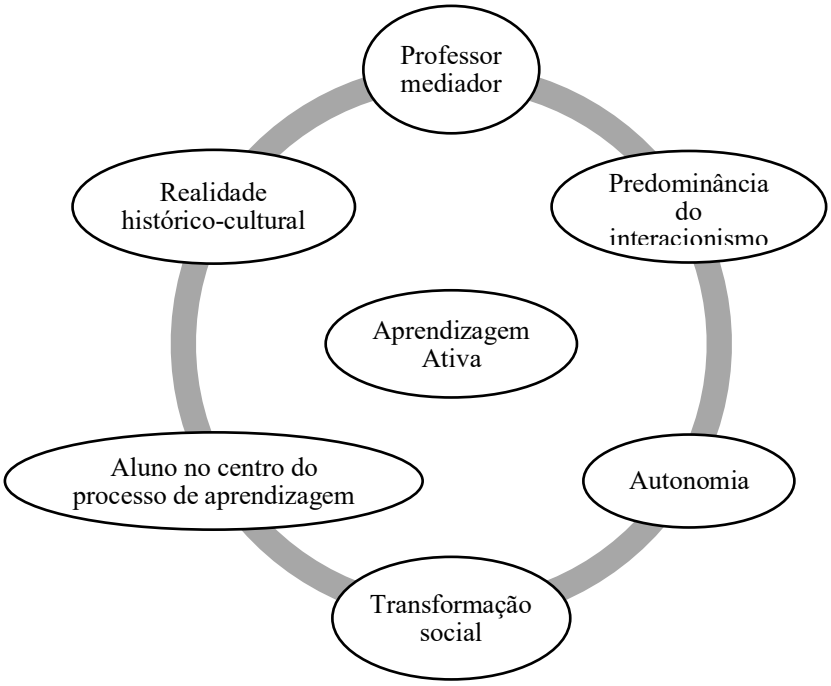

Figura 3. Aprendizagem ativa nos moldes da TA
Fonte: autoria própria (2025).

A aprendizagem ativa com base na TA, conforme sintetizada pela figura 3, considera a historicidade e cultura dos sujeitos e, sem descartar a importância da autonomia do aluno, numa abordagem interacionista dialética, potencializa a transformação da realidade na qual esse sujeito está inserido. Nesse processo de atividade, com vistas à formação da consciência, o professor é um autor importante, responsável por auxiliar na orientação do aprendente quanto à busca do saber.

Br. J. Ed., Tech. Soc., v.18, n.4, Oct-Dec, p.1272-1281, 2025
DOI https://doi.org/10.14571/brajets.v18.n4.1272-1281
ISSN 2316-9907

2.4 Aprendizagem ativa: Escolanovismo *versus* Teoria da atividade

Em síntese a concepção de aprendizagem ativa defendida pelo escolanovismo tem por principais características: ênfase no desenvolvimento da autonomia do aluno; compreendida como um processo contínuo, que acontece por meio de experiências diretas; o professor é reduzido ao papel de facilitador, organizando atividades que incentivem o aluno a experimentar o objeto de conhecimento, dentre outras.

Na perspectiva da Teoria da Atividade, a aprendizagem ativa foca em interações estruturadas e mediadas, ou seja, compreende-se que: a aprendizagem ocorre através do uso de artefatos em um contexto de interação social; há destaque para o diálogo, a colaboração e da troca de conhecimentos com os outros; acontece por meio de atividades que envolvem um objetivo (ou motivo), que pode ser tanto individual quanto coletivo.

Percebe-se que tanto o Escolanovismo quanto a Teoria da Atividade enfatizam a importância de o aluno ser protagonista da sua proporia aprendizagem. As duas teorias defendem que o aprendizado efetivo ocorre quando o aluno interage diretamente com o ambiente, sendo uma aprendizagem que envolve experimentação, exploração e reflexão. Ademais, verifica-se que ambas as abordagens buscam formar indivíduos críticos, reflexivos e capazes de transformar a realidade a partir do conhecimento adquirido.

Dentre as principais diferenças entre as supracitadas concepções, tem-se o fato de no escolanovismo, o papel do professor "[...] deixa de ser central para acompanhar o trabalho dos alunos e animar as atividades escolares" (Aranha 2006, p.262). Na Teoria da Atividade, embora o professor também tenha a incumbência de facilitar, a ênfase está nas interações sociais entre ele e o aluno e no uso de ferramentas culturais como mediadoras.

Nesse sentido, contata-se que a concepção de aprendizagem ativa trazida pelo escolanovismo é mais individualista, ao considerar que a experiência individual do aluno é um dos pontos centrais a ser trabalhado. Já a Teoria da Atividade centra-se nas interações sociais e nas influências do contexto cultural e histórico na aprendizagem, dando ênfase ao processo de mediação, colaboração e, portanto, ao labor coletivo. Além disso, o escolanovismo prioriza a experiência direta do aluno e a teoria da atividade enfatiza a importância de ferramentas culturais no processo educativo. O quadro 2 sintetiza as principais diferenças entre as perspectivas apresentadas.

Aspecto	Escolanovismo	Teoria da Atividade
Fundamento	Pragmatismo, naturalismo	materialismo
Papel do sujeito	Individual, autônomo	Social e histórico
Papel do professor	facilitador	mediador
Método de ensino	Baseada na experiência do aluno	Baseado em atividades mediadas
Contexto Social	Foco no indivíduo	Foco no coletivo e na transformação social

Quadro 2. Escolanovimo *versus* Teoria da Atividade
Fonte: autoria própria (2025)

3. CONCLUSÃO

Conclui-se que a essência daquilo que se conhece por aprendizagem ativa, tanto na concepção escolanovista quanto na concepção histórico-cultural da Teoria da Atividade, valoriza o envolvimento do aluno como protagonista de seu aprendizado, mas há diferenças fundamentais em seus enfoques e pressupostos teóricos. Apesar de usarem termos semelhantes, o escolanovismo reduz a importância do professor no processo de aprendizagem, foca na individualidade, na autonomia exagerada, nas vivências do aluno. Em contraposição, a Teoria da Atividade fortalece o papel do professor como mediador, compreende o aluno como um agente sócio-histórico e foca na transformação social.

Salienta-se que esta pesquisa contribui teoricamente com a compreensão do que significa ser ativo, e o faz ao articular esses dois referenciais. Porém, limitações como a carência de estudos práticos que se apropriem dessas perspectivas, sobretudo do enfoque da atividade em contextos escolares, indicam a necessidade de investigações futuras, incluindo análises de eficácia em diferentes níveis e modalidades de ensino.

Destaca-se que, enquanto a concepção de aluno ativo do escolanovismo, de cunho progressista, aponta para metodologias e desconsidera fatores estruturais da sociedade, a exemplo das desigualdades social, a teoria da atividade, de cunho marxista, imbuída da interação com meio, questiona e busca responder as contradições que permeiam a vida, numa abordagem dialética ampla, crítica, contextualizada e transformadora. Por fim, conclui-se que é mais coerente conceber as duas perspectivas como complementares e não como opositoras, pois apesar das divergências, cada uma, em sua especificidade, preconizam a tentativa de promover uma aprendizagem significativa para os alunos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

Aranha, M. L. A. (2006). *História da educação e da pedagogia: Geral e Brasil*. São Paulo: Moderna.

Coll, C., et al. (2000). *Psicologia do ensino*. Porto Alegre: Artmed.

Leontiev, A. N. (1980). *Actividad, conciencia, personalidad*. Editorial Pueblo y Educación. (Original work published 1975)

Luckesi, C. C. (1994). *Filosofia da educação.* São Paulo: Cortez.

Luzuriaga, L. (1971). *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Nacional.

Moran, J. M. (2015). Educação híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In L. Bacich, A. Tanzi Neto, & F. M. Trevisani (Orgs.), *Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação* (pp. 27-45). Porto Alegre: Penso.

Núñez, I. B. (2009). *Vygotsky, Leontiev e Galperin: Formação de conceitos e princípios didáticos*. Liber Livro.

Piaget, J. (1990). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda.

Saviani, D. (1985). *Escola e democracia* (8a ed.). São Paulo: Cortez/Autores Associados.

Oliveira, B. A. de. (2010). Fundamentos filosóficos marxistas da obra vygotskyana: A questão da categoria de atividade e algumas implicações para o trabalho educativo. In S. G. de L. Mendonça & S. Miller (Orgs.), *Vygotsky e a escola atual: Fundamentos teóricos e implicações pedagógicas* (pp. 3–26). Junqueira & Marin.

Oliveira, M. K. de. (1993). *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.

Vygotsky, L. S. (2004). *Teoria e método em psicologia* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.